

MILLENNIUM

#9

Outubro
2021

AGRO NEWS

EM ANÁLISE
**Fileira dos Frutos
Vermelhos**

OPINIÃO

Luís Pinheiro (Maravilha Farms e Lusomorango)

Luís Mesquita Dias (AHSA)

CADERNO ESPECIAL

Recenseamento Agrícola de 2019

NOTÍCIAS

Millennium bcp na AgroGlobal

Millennium
bcp Empresas

AQUI CONSIGO

Editorial

MUITAS EXPECTATIVAS



A evolução da produção de Frutos Vermelhos em Portugal, na última década, é um caso de estudo. O exame que solicitámos à AGRO.GES, para esta edição, dedica atenção a quatro produções particulares desta família: a framboesa, a amora, a groselha e o mirtilo (teremos, oportunamente, numa outra edição, de dar prioridade ao morango).

A base de produção de partida, há dez anos, correspondia a 220 hectares e, hoje em dia, assenta sobre quase 4.200 hectares (sobretudo de mirtilo e framboesa). O resultado mais visível é o seu contributo para as nossas exportações: em 2020, superou os 230 milhões de euros.

Recomendo, por isso, a leitura atenta dos contributos que Luís Mesquita Dias, Presidente da Direção da Associação dos Horticultores, Fruticultores e Floricultores dos Concelhos de Odemira e Aljezur (AHSA), e Luís Pinheiro, Diretor-geral da Maravilha Farms S.A. e Presidente da Lusomorango (Organização de Produtores), aqui nos deixam.

Entretanto, o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) arrancou. A expectativa dos impactos da sua aplicação no setor agrícola é elevada, pelo que há ainda a esperança de que, pela via das Agendas Mobilizadoras para a Inovação Empresarial e das Agendas Verdes para a Inovação Empresarial, se obtenham resultados mais visíveis (apesar dos diferentes domínios de intervenção para os projetos).

Também o PEPAC, o Plano Estratégico para a Política Agrícola Comum, está em curso. A pressão é elevada, como se sabe. A opção europeia por uma PAC mais ao encontro dos objetivos nacionais acrescenta responsabilidades ao documento final que todos aguardamos conhecer. Não se trata apenas de determinar quais os caminhos a prosseguir na próxima década. Para nós, no Millennium bcp, trata-se

de, prioritariamente, disponibilizar os instrumentos financeiros para o período de 2021-2027. Sem burocracia, mas com flexibilidade e decisão célere de todas as autoridades envolvidas!

Esta ideia de ambição modernizadora tem de ter um contexto base, de onde parte e de onde tem de ter aplicabilidade, a médio e longo prazo. É, assim, muito interessante a nota que a AGRO.GES nos dá sobre os resultados do Recenseamento Agrícola de 2019 (tornado público pelo INE) e que aponta - em grande conclusão - para a continua reestruturação do setor agrícola português.

Oxalá que, daqui a uns anos, quando olharmos para esta fotografia de 2019, possamos confirmar que a tendência se acentuou bem mais e que correspondeu à melhoria e à eficácia que todos ambicionamos, para este setor estratégico da economia nacional.

Finalmente, e em conclusão, não posso deixar de referir a última edição da AgroGlobal, onde estivemos novamente presentes, em Valada do Ribatejo (Cartaxo). O anúncio de que a próxima edição será concretizada pelo CNEMA (em Santarém) coloca o desafio à organização de reinventar o evento.

As magníficas paisagens e o ambiente de campo que a AgroGlobal proporcionou durante mais de uma década darão lugar a uma desafiante reflexão sobre as condições em que este evento - até aqui com carácter bianual - se conjugará, no futuro próximo, com a Feira Nacional da Agricultura. Também aqui, a expectativa geral é elevada!

João Nuno Palma

Vice-Presidente da Comissão Executiva

Em análise

FILEIRA DOS FRUTOS VERMELHOS

Apesar da pandemia, em 2020, a família dos frutos vermelhos é a campeã nacional das exportações.

Com o objetivo de auxiliar os empresários e os investidores, com informação mais precisa e fiável sobre o ponto de situação da fileira, e procurando também retratar o respetivo nível estimado de risco, solicitámos à AGRO.GES a elaboração do presente exame, dedicado à framboesa, amora, groselha e mirtilo.

1. SÍNTESE DE 2020 EM PORTUGAL

4.179 ha
de frutos vermelhos

2.490 ha
de mirtilo

1.368 ha
de framboesa

199 ha
de amora

122 ha
de groselha

43.779 t
de frutos vermelhos

25.276 t
de framboesa

15.418 t
de mirtilo

2.854 t
de amora

231 t
de groselha

6,89 €/kg
preço médio
pago pela amora

6,20 €/kg
preço médio
pago pela framboesa

6,00 €/kg
preço médio
pago pela groselha*

5,08 €/kg
preço médio
pago pelo mirtilo

235 M€
de exportações

34.134
toneladas de
exportações

6,88 €/kg
preço médio de
exportação

* Preço relativo
ao ano 2017.

12 M€
de importações

2.446
toneladas de
importações

5,00 €/kg
preço médio
de importação

+222 M€
saldo da balança
comercial



2. PRODUÇÃO DE FRUTOS VERMELHOS

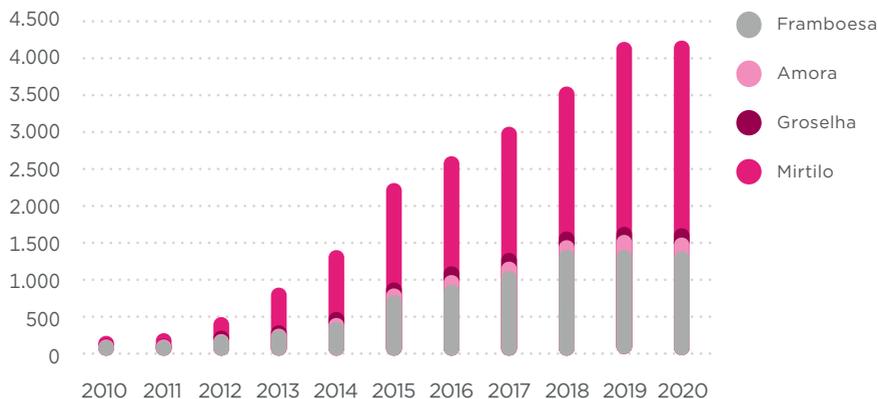
EVOLUÇÃO DOS PRINCIPAIS INDICADORES NACIONAIS



Em Portugal, ao longo dos últimos dez anos, a área de frutos vermelhos observou um acentuado crescimento (34%/ano), passando de 220 hectares para 4.179 hectares.

Evolução da área de frutos vermelhos por tipo de cultura

(ha)

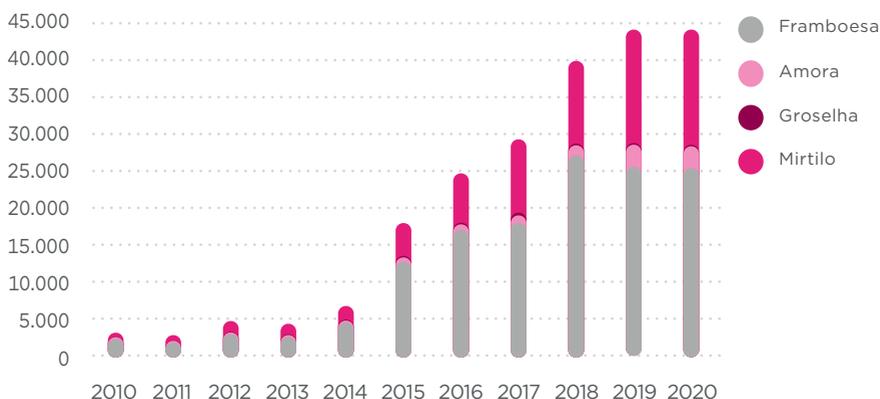


Apesar de os diferentes tipos de frutos vermelhos terem verificado um aumento da sua área de produção, os principais responsáveis deste crescimento foram o mirtilo e a framboesa, que aumentaram a sua produção neste período em mais 2.447 (+50%/ano) e 1.368 (+25%/ano) hectares, respetivamente. No que diz respeito à amora e à groselha, estas observaram um crescimento de +25%/ano e +28%/ano, respetivamente.



O mirtilo triplicou o seu peso, passando de 20% para 60% da área total de frutos vermelhos, ao contrário das restantes, que, devido ao menor crescimento comparativamente ao mirtilo, reduziram o seu peso, passando para metade no caso das framboesas (33%) e da amora (5%) e reduzindo-se 1/3 no caso da groselha.

Evolução da produção de frutos vermelhos por tipo de cultura (t)



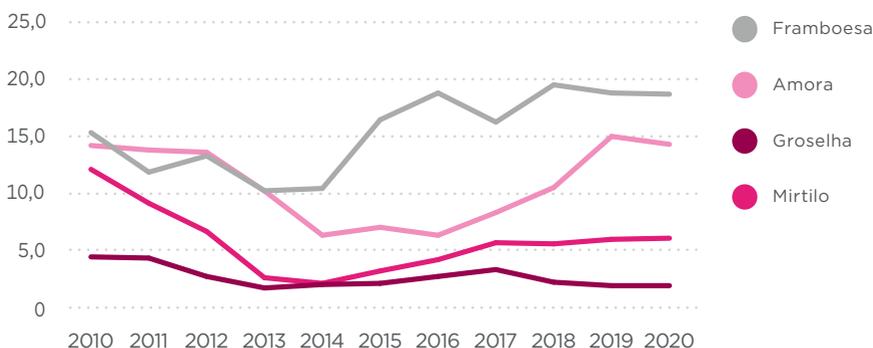
Relativamente às produções, estas têm acompanhado as tendências das áreas de produção, verificando-se um significativo aumento de +30%/ano, passando de 3 mil toneladas para 44 mil toneladas, no período em análise.

Olhando para cada cultura em específico, as tendências foram idênticas às verificadas na área de produção, com o mirtilo, a framboesa, a amora e a groselha a observarem um crescimento de +40%/ano, +28%/ano, +26%/ano e 18%/ano, respetivamente.

Tal como aconteceu com as áreas, o mirtilo reforçou ao longo dos anos a sua importância, enquanto que as restantes culturas reduziram-na, mas com menores impactos, passando o mirtilo para o dobro (35%) e a framboesa, a amora e a groselha a reduzirem o seu peso em 1/5, 1/5 e 2/5, respetivamente.



Evolução da produtividade dos frutos vermelhos por tipo de cultura (t/ha)

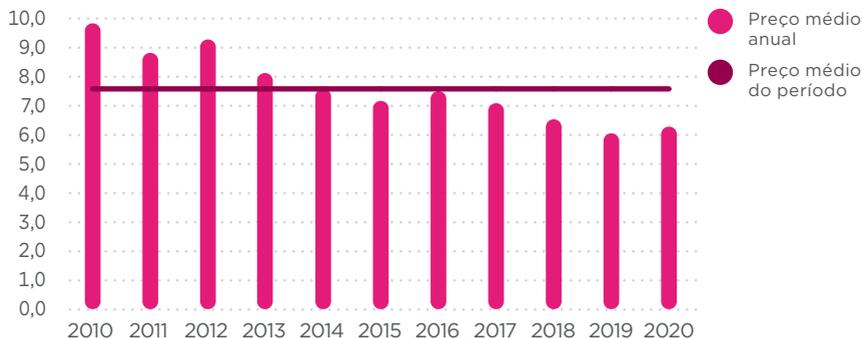


As produtividades dos frutos vermelhos têm oscilado bastante nos últimos dez anos, verificando-se uma descida nos primeiros anos do período, tendo nos últimos anos do mesmo vindo a aumentar.

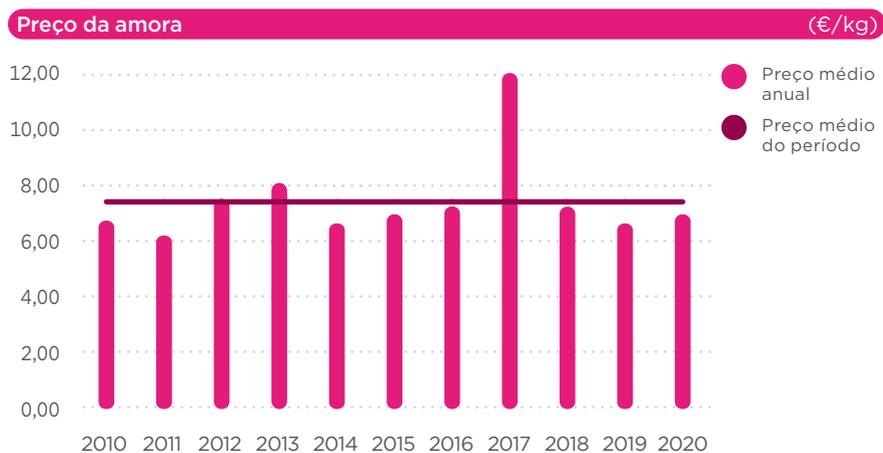
Das quatro culturas aqui analisadas, a groselha e o mirtilo foram aquelas que verificaram os maiores decréscimos de produtividade, passando de 4 t/ha para 2 t/ha e de 12 t/ha para 6 t/ha, respetivamente, enquanto que a amora se mantém nos mesmos valores do que em 2010 (14 t/ha), apesar das oscilações, e a framboesa aumentou a sua produtividade, de 15 t/ha para 18,5 t/ha, apesar das oscilações ao longo do período. Estas oscilações poderão ser explicadas, em parte, devido à instalação de novas áreas que demoram a entrar em produção cruzeiro.

O preço médio da framboesa, de acordo com a informação do SIMA, tem vindo a diminuir ao longo do período, tendo caído cerca de 36%, passando de 9,71 €/kg para 6,20 €/kg. O preço médio dos últimos dez anos situa-se nos 7,51 €/kg.

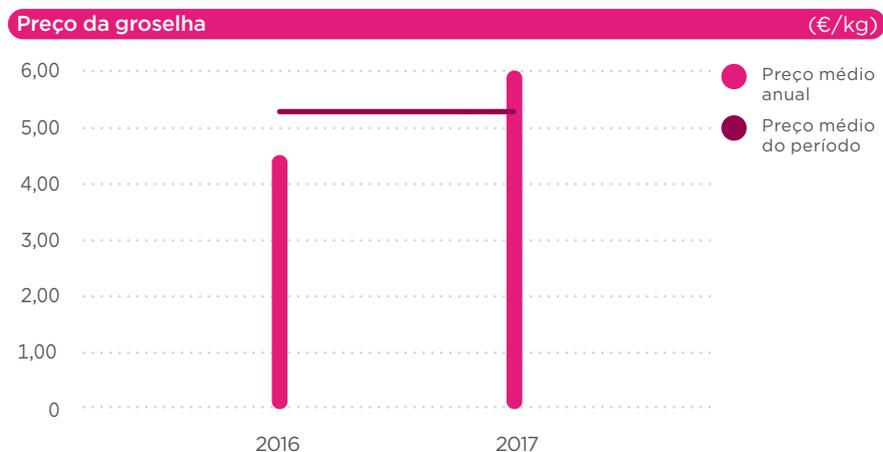
Preço da framboesa (€/kg)



No que diz respeito à amora, o preço manteve-se relativamente estável, entre os 6,0 €/kg e os 8,0 €/kg, tendo observado um pico bastante grande em 2017, atingindo os 12 €/kg. A média destes últimos anos foi de 7,46 €/kg.

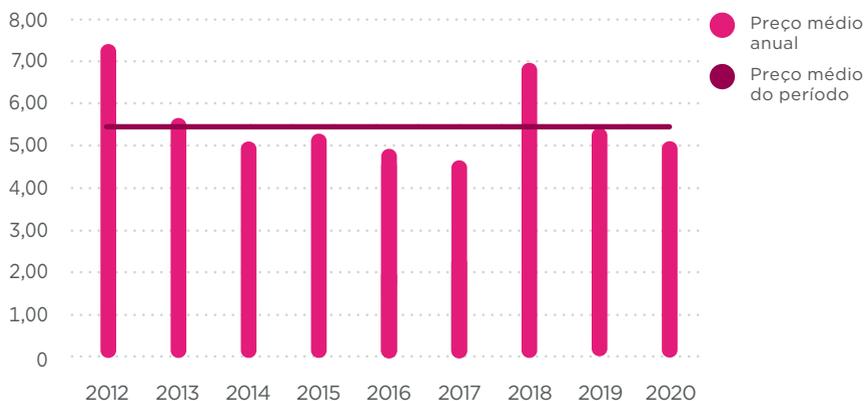


Quanto à groselha, a informação disponível refere-se apenas a 2016 e 2017, com um preço médio, dos dois anos, de 5,25 €/kg.

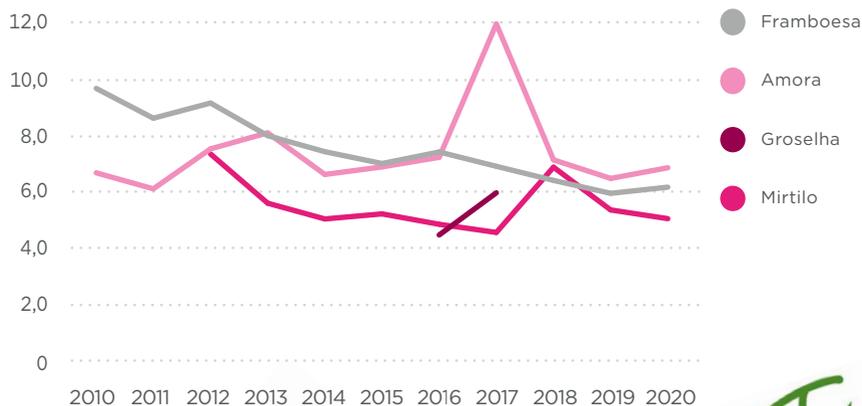


Por fim, o mirtilo, com informação a partir de 2012, tem vindo a decrescer em termos gerais no período em causa, mas observa uma subida significativa de preços em 2017, tendo novamente estabilizado em torno dos 5 €/kg. O preço médio situa-se nos 5,45€/kg.

Preço do mirtilo (€/kg)



Preço médio anual dos frutos vermelhos (€/kg)



3. COMÉRCIO INTERNACIONAL

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Exportações (milhões €)	18,7	22,3	30,6	32,7	70,3	80,9	118,0	147,5	188,3	218,8	234,7
Importações (milhões €)	-1,1	-1,6	-2,0	-3,2	-3,3	-4,1	-6,7	-9,2	-15,3	-12,0	-12,2
Saldo da balança comercial (milhões €)	17,6	20,7	28,6	29,5	67,0	84,9	111,4	138,3	173,0	206,9	222,5

O saldo da balança comercial tem evoluído de forma muito positiva, tendo apresentado em 2020 um excedente de cerca de 223 milhões de euros, verificando-se um crescimento de 29%/ano.

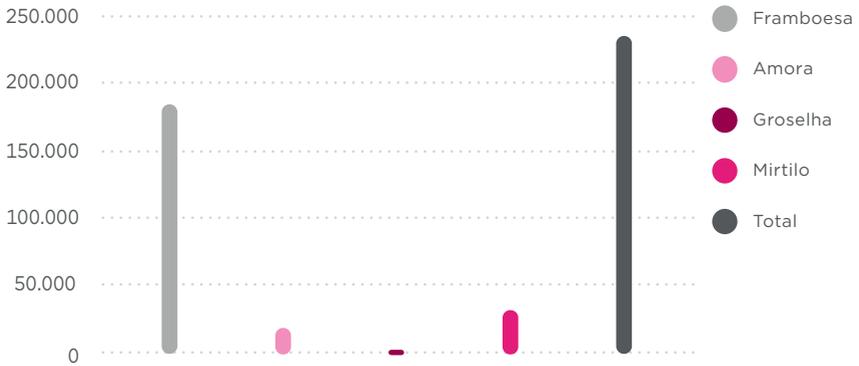
Em 2020, as exportações representaram cerca de 235 milhões de euros, dos quais cerca de 80% foram de framboesa, 13,5% de mirtilo, 8% de amora e apenas 0,2% de groselha. A amora foi aquela que mais cresceu em termos relativos no período entre 2010 e 2020, mas foi a framboesa que contribuiu para a balança comercial em termos de valor.

No que diz respeito às importações, em 2020, foram de 12 milhões de euros, sendo 60% de mirtilos, 22% de framboesa, 14% de amora e apenas 3% de groselha. No período em causa, o mirtilo observou um enorme crescimento, passando de 34 mil euros de importações para 7,4 milhões de euros. Os restantes frutos também aumentaram todas as importações (cerca de 1,7 milhões de euros no caso das framboesas e amoras e 200 mil euros no caso da groselha).

Os principais destinos dos frutos vermelhos portugueses são os Países Baixos, Alemanha, Espanha, Reino Unido, França e Bélgica, representando 96% das exportações dos mesmos.

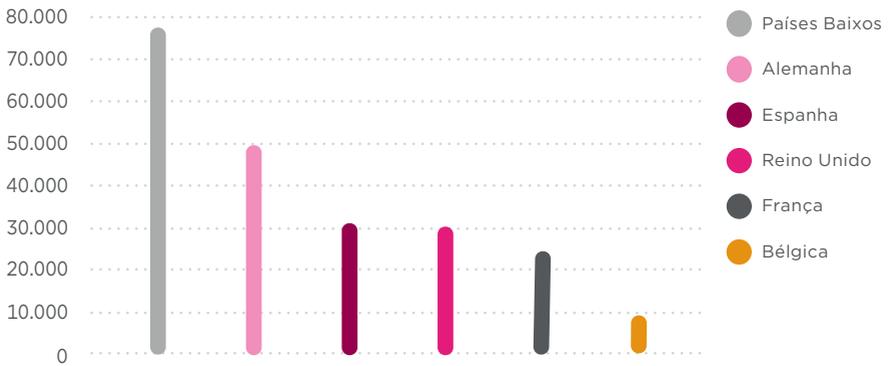
Exportações por tipo de cultura

(10³ €)



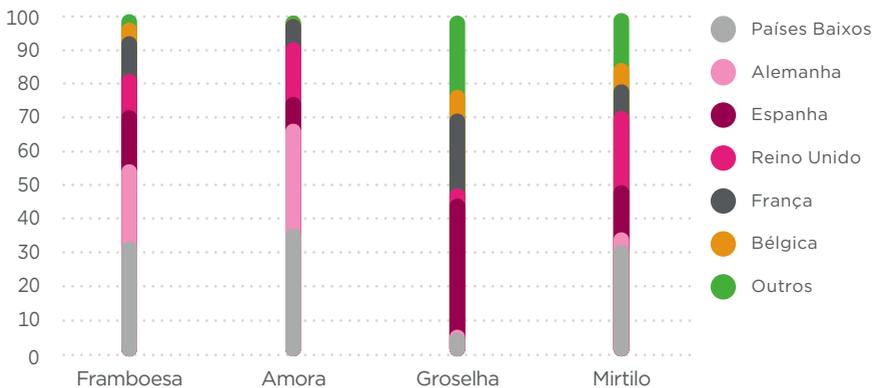
Exportações de frutos vermelhos para os principais países em 2020

(10³ €)



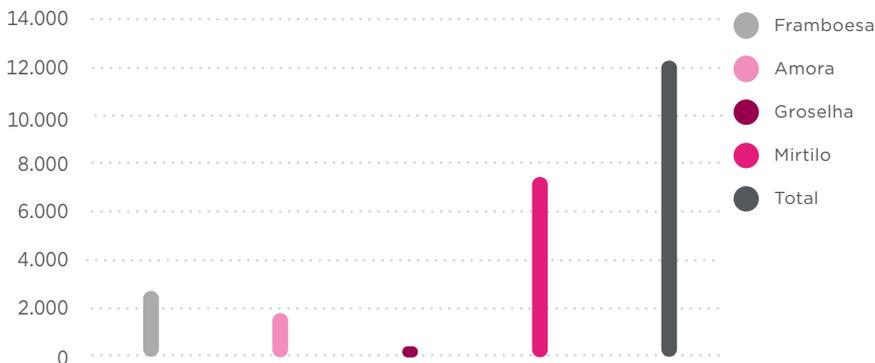
Exportações de cada cultura por destino

(%)



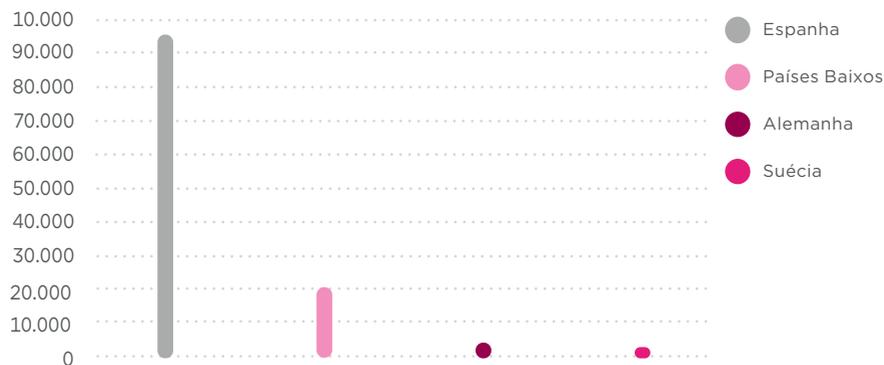
Olhando para o destino de cada cultura em particular, podemos verificar que a framboesa e a amora são exportadas principalmente para os Países Baixos, Alemanha, Espanha e Reino Unido, enquanto que para o mirtilo a Alemanha tem pouco significado e para a groselha os mercados são principalmente Espanha e França.

Importação por tipo de cultura (10³ €)



As importações de frutos vermelhos são, na sua grande maioria, provenientes de Espanha (78%), existindo alguma importação dos Países Baixos (16%), Alemanha (3%) e Suécia (2%).

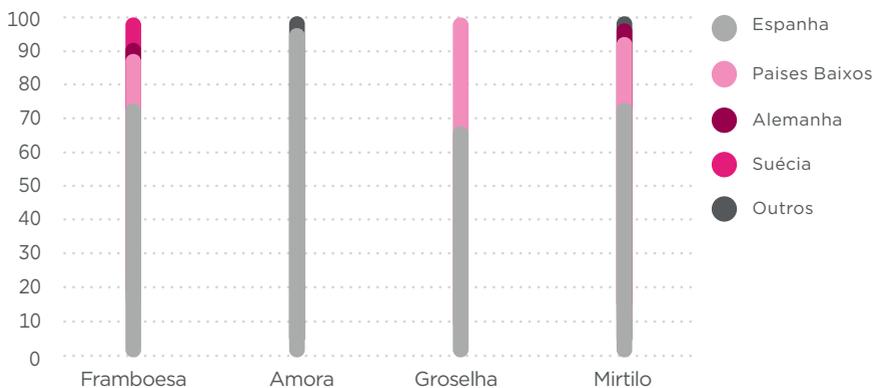
Principais países de importação de frutos vermelhos em 2020 (10³ €)



Analisando cada cultura em particular podemos concluir que as importações dos quatros diferentes frutos são na sua maioria provenientes de Espanha, tendo os Países Baixos alguma importância na framboesa, groselha e mirtilo e a Suécia alguma importância na framboesa. A amora é quase exclusivamente proveniente de Espanha.

Importação de cada cultura por proveniência

(%)



4. PRODUÇÃO DE FRUTOS VERMELHOS NO MUNDO

O setor dos frutos vermelhos é bastante disperso pelo mundo, consequência da grande variedade de espécies que existem.

No que diz respeito à framboesa, em 2019, $\frac{3}{4}$ da área de produção mundial, 128 mil hectares, estavam situados em cinco países, nomeadamente Polónia (23%), Rússia (23%), Sérvia (18%), México (6%) e EUA (5%). Estes cinco países são responsáveis por 73% da produção mundial (822.493 toneladas).

A amora é uma cultura que tem uma área mundial muito semelhante à framboesa, com 129 mil hectares. Esta área de produção encontra-se mais dispersa do que a anterior, estando 70% da mesma concentrada em dez países, nomeadamente





Nova Guiné (17%), Polónia (11%), México (10%), Turquia (8%), Vietname (6%), Afeganistão (5%), China (5%) e Hungria, Irão e EUA, com pesos inferiores a 5%. Estes países são responsáveis por 83% da produção mundial (923 mil toneladas).

A groselha, com menos importância do que as culturas anteriores em termos de área (80 mil hectares), concentra-se quase exclusivamente num país, na Rússia, com 95% da superfície da cultura mundial, seguindo-se a Ucrânia, com 3%, e o Reino Unido, com 1%. Estas três geografias são responsáveis por 99% da produção mundial, sendo a Rússia por 87%, a Ucrânia por 10% e o Reino Unido por 2%.

Por fim, o mirtilo apresenta uma área de produção mundial de 120 mil hectares, com 90% da área dispersa pelos EUA (35%), Canadá (34%), Peru (7%), Polónia (7%), México (4%) e Espanha (3%). Estes seis países têm 93% da produção mundial, que em 2019 se situava nas 823 mil toneladas. De realçar que Portugal representava 1,6% da área mundial e 1,3% da produção mundial de mirtilos.



5. PERSPETIVAS

A produção, à escala global, tende a manter a ligeira tendência em alta que se tem observado nos últimos anos, essencialmente pressionada por um acréscimo de consumo ditado pela introdução deste tipo de frutos nas dietas alimentares saudáveis.

O principal obstáculo ao crescimento dos volumes colocados no mercado com proveniência do território nacional é constituído pela escassez de mão-de-obra, fator que limita de forma mais ou menos significativa a possibilidade de expansão da cultura.

No entanto, é de esperar que as áreas em cultura, a nível mundial,

continuem a crescer a um ritmo semelhante ao dos últimos anos.

É igualmente expectável que se mantenham alguns ganhos de produtividade, em função das melhorias no material genético utilizado.

Rating atual c/perspetiva de evolução favorável



Perspetiva global de investimento válida até nova atualização.



Opinião

FRUTOS VERMELHOS, UM CASO DE SUCESSO

O setor dos pequenos frutos afirmou-se nos últimos anos como o campeão das exportações nacionais no setor das frutas e legumes. Desde 2015, as vendas ao exterior praticamente triplicaram, cifrando-se em 2020 em 247 milhões de euros, um acréscimo de 5,5% face a 2019. Num período eminentemente marcado pelo combate à pandemia, este comportamento ilustra bem a resiliência do setor

e a aceitação dos pequenos frutos portugueses nos principais mercados europeus.

O crescimento referido foi alcançado não só através de crescimento em volume, mas também pela captação de valor devido ao reconhecimento dos frutos nacionais.

Destaque para a framboesa, fruto líder das exportações nacionais, que ao longo





dos últimos anos se tem cimentado como uma aposta segura para os produtores nacionais. São igualmente relevantes as produções de morango, mirtilos e, crescentemente, de amoras. Quais as razões para este sucesso? Falamos de frutos perfeitamente adaptados ao nosso clima com produções de norte a sul, eminentemente na proximidade da influência atlântica. Neste contexto, tem-se destacado a região do litoral alentejano, onde podemos encontrar as melhores condições climatéricas da Europa para a sua produção. Esta é a única região onde é possível produzir durante o ano inteiro. Temos uma nova geração de agricultores que praticam uma agricultura moderna, assente no conhecimento e na inovação, que podem contar com uma mão-de-obra altamente qualificada. E crescentemente uma organização na produção, em estruturas organizadas do tipo organizações de produtores. Este tipo de estruturas tem promovido um correto planeamento da produção e criado escala para

aceder aos melhores mercados. Estas vantagens competitivas têm permitido a atração de investimento nacional e estrangeiro e o estabelecimento de parcerias estratégicas entre empresas nacionais e os principais *players* globais, o que permitiu aos produtores nacionais o acesso às melhores variedades.

Temos assistido a um fortíssimo dinamismo económico, gerador de riqueza, de emprego, inovação e fixador de populações ao território. São conhecidos e reconhecidos inúmeros projetos de enorme valia económica, mas também, e cada vez mais, de enorme valia social e ambiental. O futuro do setor passa por consolidar modelos sustentáveis nos seus três pilares estratégicos: sustentabilidade, economia, social e ambiental. A margem de crescimento é grande, quer nas áreas de produção atual, quer em novas áreas, assim todos a saibamos aproveitar. Será expectável a duplicação da produção nacional num horizonte a cinco anos, acompanhando as tendências de consumo



nos mercados europeus. As tendências de consumo têm mostrado claramente uma intensificação na procura de alimentos naturalmente saudáveis, categoria onde os pequenos frutos se destacam pelas suas características antioxidantes, entre outras. Nos principais mercados, esta é a categoria que mais cresce no setor das frutas e legumes, quer em consumo *per capita*, quer em penetração em novos lares, com crescimentos anuais em valor em torno dos 10% e com as projeções a indicarem a manutenção deste ritmo de crescimento.

Enquanto região de produção, concorreremos essencialmente com Espanha e Marrocos pela captação de investimento e no

acesso a mercados. Se, por um lado, temos vantagens claras que nos diferenciam, como o clima, estabilidade política, financiamento e mão-de-obra qualificada, somos também um país de acolhimento fantástico para a mão-de-obra que procura Portugal para melhorar a sua vida. No reverso da moeda, temos problemas e condicionantes que nos limitam e que necessitam de atenção por parte do Governo. Uma dessas condicionantes é o crónico problema da burocracia conjugado com o que podemos designar de “lasanha” regulatória, um emaranhado de planos e regulamentos tutelados por dezenas de entidades públicas que criam um verdadeiro labirinto processual, com tempos de decisão incompatíveis com

a realidade económica e social. A inexistência de regras claras e os tempos de decisão têm afastado investidores e dificultado a vida a quem já está instalado.

Projetando o futuro a médio prazo, o aspeto mais importante para o setor, e para o país, será a forma como o país irá garantir as suas reservas hídricas para acautelar as necessidades de consumo de água para todos os usos face aos impactos das alterações climáticas. Os efeitos das alterações climáticas são já uma realidade, principalmente no sul do país, onde a redução da pluviosidade média é um facto. À semelhança dos outros países da bacia do Mediterrâneo, Portugal tem de planear, aumentar a sua capacidade de armazenamento, identificar novas fontes de água e criar planos de gestão para a eficiência hídrica e circularidade. Projetos de dessalinização devem, desde já, ser equacionados. A dessalinização

traz duas vantagens significativas: por um lado, cria previsibilidade quanto à disponibilidade de água, fator essencial para gerar confiança, e, por outro lado, desligando o acesso à água da sua disponibilidade através dos fenómenos naturais, a agricultura deixa de concorrer com os serviços ecológicos inerentes aos cursos hídricos.



Luís Pinheiro

Diretor-geral da Maravilha Farms
e Presidente da Lusomorango
(Organização de Produtores)



Opinião

A AGRICULTURA MODERNA NO SUDOESTE ALENTEJANO



É, no mínimo, complexa, a situação que o setor agrícola do Sudoeste Alentejano atravessa nestes anos conturbados de pandemia.

Esta complexidade já vem de trás e, seguramente, continuará quando a pandemia terminar. Resulta de uma visão contraditória e quase esquizofrênica de um setor que ajudou e continua a ajudar a região a sair da letargia e desertificação em que se encontrava nos primeiros anos deste século, enquanto uma corrente forte de opinião a acusa de destruir o património ambiental e social desta parte do país.

Enquanto o último Censo mostra um país a encolher a sua população e os dados

macroeconómicos, ainda que embelezados, mostram Portugal crescendo muito abaixo daquilo que seria necessário crescer.

A agricultura evoluída do Sudoeste Alentejano tem mostrado uma dinâmica invejável, com o Perímetro de Rega do Mira a representar 15% das exportações nacionais de frutas, legumes e flores. Mostra também um crescimento da população, que em dez anos aumentou cerca de 20%.

Ao contrário do que muitas vezes é propagado, este território apresenta um mosaico variado de culturas produzidas, no qual as mais prevalentes não representam mais de 15% da área

total. Todo o oposto do conceito de monocultura que se pretende descrever.

É ainda uma região em que as culturas cobertas ocupam 1.600 hectares, de um total de 4.800 que a lei permite, num universo de mais de 90.000 hectares que o Parque Natural abrange. Em números redondos, apenas 1,5% do território que se tenta fazer crer que está a ser destruído.

Tanto em percentagem de área como na qualidade da agricultura praticada, das estruturas erigidas e das condições de trabalho dos trabalhadores agrícolas, o contraste com a comparação que alguns pretendem fazer da Almeria espanhola é também flagrante.

Dito isto, vivemos e operamos numa região que, sendo um paraíso de beleza natural, está

longe de o ser na qualidade de vida a que devemos aspirar.

A água disponível a partir da albufeira de Santa Clara e distribuída pelo perímetro de rega através das redes primárias, secundárias e terciárias não garante o futuro do setor se não forem tomadas medidas urgentes e feitos investimentos avultados.

A garantia da dignidade de vida de quem aqui trabalha – sejam trabalhadores de origem local ou imigrantes – não se consegue atingir se Governo Central, Autarquias e empresas não desempenharem a respetiva quota parte de responsabilidades que têm na criação de habitação em quantidade e qualidade.

Garantida a habitação, o desenvolvimento da região e o seu potencial é tal que, inevitavelmente, continuará



a atrair investidores, e com eles gente, que não encontram na atual oferta de serviços públicos a satisfação mínima a que todos têm direito.

Assim sendo, mais do que destruir aquilo que está a ser feito e contribuir para denegrir a imagem da região e do país a nível nacional e internacional, as suas forças vivas devem concentrar-se na resolução dos problemas existentes maximizando as oportunidades que o território oferece.

Devemos contribuir para que toda a discussão seja baseada em dados concretos e não em mitos.

Avançaremos com os estudos que estão previstos no âmbito da água, da agroeconomia, da paisagem e da biodiversidade, para que os erros que eventualmente tenham sido cometidos se corrijam, mas também para que as evidências sólidas de boas práticas sejam divulgadas.

Só com um manancial importante de informação cientificamente suportada poderemos combater aqueles que cavalgam na ignorância dos outros para propagar a sua própria ignorância.

Somos um país pobre que não pode dar-se ao luxo de se tornar ainda mais pobre desperdiçando os recursos limitados que a natureza nos deu.

Infelizmente, grande parte do nosso território não tem qualquer aptidão agrícola.

Não deixemos condenar aquela que o tem aos caprichos e utopias de elites nacionais.

Muito menos o deixemos fazer aos grupos de cidadãos estrangeiros que gostariam de ver o nosso Alentejo permanecer pobre, rústico e deserto para deleite das suas férias tranquilas.



Luís Mesquita Dias

Presidente da Direção da Associação dos Horticultores, Fruticultores e Floricultores dos Concelhos de Odemira e Aljezur (AHSA)

A SOLUÇÃO PARA A AQUISIÇÃO DOS SEUS EQUIPAMENTOS

AGRO LEASING



AGRO LEASING

O Leasing é uma solução de financiamento a médio e longo prazo para aquisição de todo o tipo de equipamentos e maquinaria agrícola. Consiste num contrato que permite ao Cliente usufruir de um bem, mediante o pagamento de uma renda, por determinado período, dispondo da opção de compra no final do contrato pelo valor residual (estipulado no início do contrato).

VANTAGENS:

- **Rendas atrativas**, sem imposto de selo sobre a abertura de crédito e sobre os juros
- **Flexibilidade nas condições de financiamento**, com prazo, entrada inicial e valor residual ajustados às necessidades do Cliente
- **Valor Residual** permite postecipar o pagamento de uma parte do valor financiado para o final do contrato
- Possibilidade de efetuar **cessão de posição contratual** no decorrer do contrato, mediante acordo do Banco

FISCALIDADE E TRATAMENTO CONTABILÍSTICO:

- **Dedução dos encargos financeiros** (juros) incluídos nas rendas
- **Dedução das amortizações dos bens** em locação financeira (até aos limites legalmente estabelecidos)
- **Dedução do IVA** incluído nas rendas

PRAZO:

- De **12 a 84 meses**
- Análise casuística para prazos superiores, em função da vida útil do bem

ENTRADA INICIAL E VALOR RESIDUAL:

- **Entrada inicial variável**, em função do risco da operação
- **Valor Residual**: percentagem que incide sobre o montante global da operação e que representa o valor pelo qual o Locatário (Cliente) pode tornar-se proprietário do bem, no final do prazo, se essa for a sua intenção (mínimo de 1€ a 2% do P.V.P.)

RENDAS:

- **Periodicidade**: mensal ou trimestral
- **Plano de rendas sazonal** (negociável de acordo com o ciclo de produção da exploração agrícola)

GARANTIAS:

- Definidas aquando da análise de risco de crédito

RECENSEAMENTO AGRÍCOLA DE 2019

O Instituto Nacional de Estatística (INE) divulgou, a 31 de março de 2021, os resultados definitivos do Recenseamento Agrícola 2019 (RA-2019). Esta edição inclui um Caderno Especial dedicado ao RA-2019, desenvolvido pela AGRO.GES, nossa parceira técnica e científica para o setor primário.

Nas páginas seguintes, encontrará uma síntese do RA-2019, procurando ilustrar de forma simples as principais características das explorações nacionais e das especificações da superfície agrícola. Esta operação censitária, realizada de dez em dez anos, fez a recolha de informação entre outubro de 2019 e novembro de 2020, em plena pandemia. Direcionado a todas as explorações agrícolas, o RA-2019 visou caracterizar estas estruturas, procurando retratar os sistemas e modos de produção e, ainda, identificar as tipologias da população rural. O RA-2019 caracteriza a evolução da agricultura portuguesa na última década (desde 2009) e em alguns aspetos vai mesmo mais atrás, possibilitando ainda o acesso a informação de natureza regional. Para obter informação mais detalhada devem ser consultados os resultados finais completos, da responsabilidade do INE.

O RA-2019 está organizado pelos seguintes grandes temas:

1. Estrutura das explorações agrícolas
2. Utilização das terras
3. Rega
4. Efetivos animais
5. Máquinas agrícolas
6. Mão-de-obra agrícola e caracterização do produtor singular e dirigente das sociedades
7. Agricultura biológica
8. A agricultura portuguesa no contexto europeu

1. SÍNTESE DE 2019

EM PORTUGAL

290.229

explorações

13,5 ha

dimensão média
da exploração

1.253

explorações c/
culturas temporárias
em Modo de
Produção Biológico
(MPB)

3.963.945 ha

superfície agrícola
utilizada (SAU)

2.490.080

cabeças normais

2.723

explorações c/
culturas permanentes
em MPB

888 mil ha

culturas temporárias

62.455 ha

agricultura biológica

861 mil ha

culturas permanentes

5.851 ha

conversão para
agricultura biológica





864

explorações c/animais
em MPB

73 mil

bovinos de carne
e **1 milhar** leiteiro

100 mil

pequenos ruminantes

5 mil

suínos

66 mil

aves

566 mil ha

superfície regada
(**14%** da SAU)

631 mil ha

superfície irrigável
(**16%** da SAU)

127 mil

explorações c/regadio
(**44%**)

314.509

UTA (unidade de
trabalho ano médio por
exploração agrícola)

68%

mão-de-obra familiar

32%

mão-de-obra
não familiar

6.758 M€

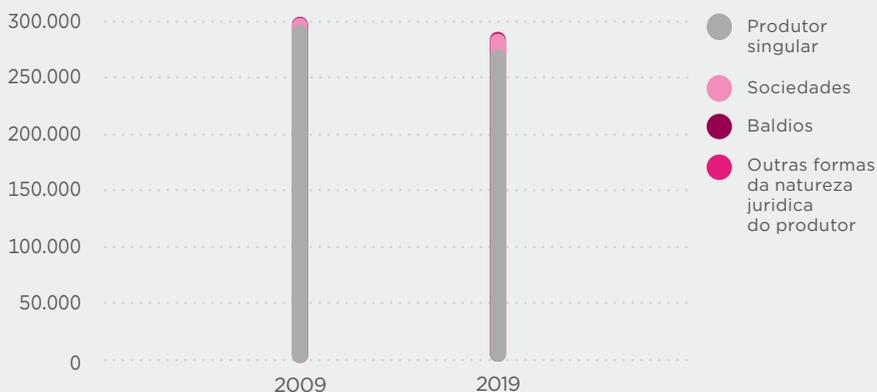
valor de produção
padrão (VPP)

2. CARACTERIZAÇÃO DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS NACIONAIS

Evolução dos principais indicadores

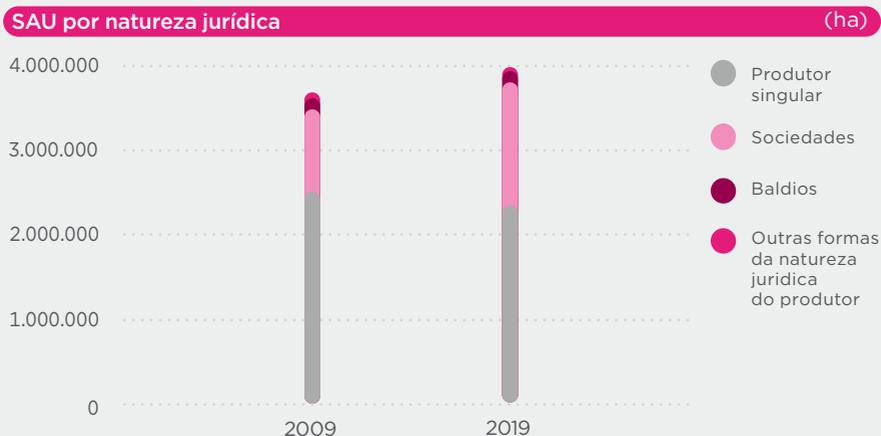
Em Portugal, entre 2009 e 2019, observou-se um decréscimo de 5% no número de explorações, tendo passado de 305 mil para 290 mil. Este decréscimo deveu-se à redução do número de produtores singulares, com uma diminuição de 23.000 (-0,8%/ano), aumentando nos restantes tipos de natureza jurídica, principalmente no que às sociedades diz respeito, com mais 8.000 (+116%).

Número de explorações por natureza jurídica



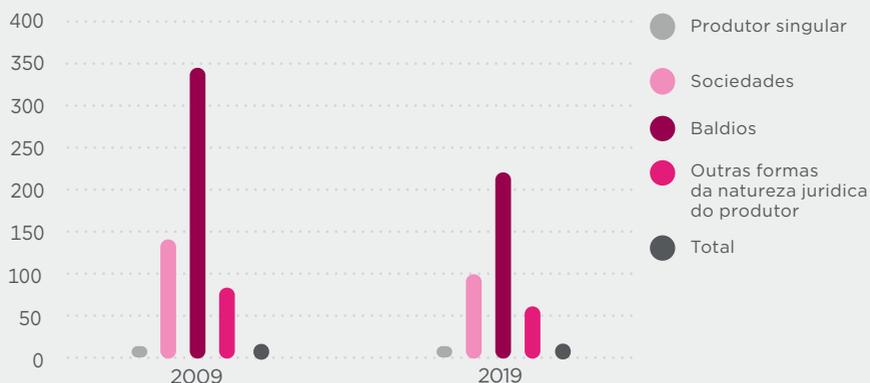


Relativamente à SAU, verificou-se um aumento bastante significativo, passando de 3,6 para 4 milhões de hectares (+8,7%). Tal como aconteceu com o número de explorações, aqui também se observou uma redução na área explorada por produtores singulares (-8%) e um aumento da área de sociedades (47%).

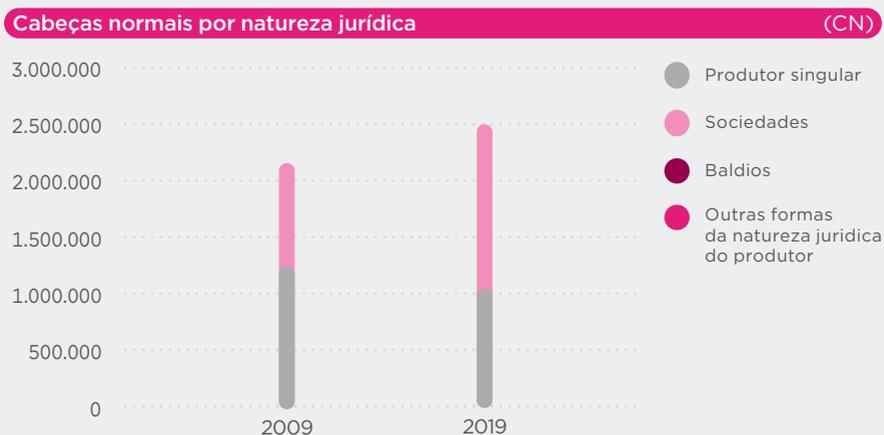


É importante realçar o aumento da dimensão média das explorações agrícolas, de 12 para 13,5 ha/exploração, consequente da redução do número de explorações e aumento da SAU, entre 2009 e 2019. A dimensão média das explorações agrícolas detidas por produtores singulares manteve-se neste período de dez anos (8 ha/exploração), tendo as sociedades observado uma redução de 46 ha/exploração, fruto de terem surgido novas sociedades que abrangeram as menores áreas dos produtores singulares que abandonaram a atividade. As restantes formas jurídicas também observaram reduções das suas dimensões médias.

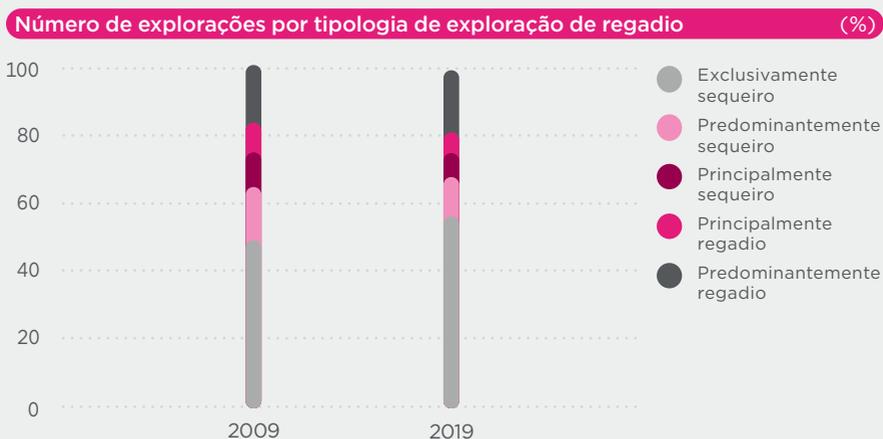
Dimensão média da exploração por natureza jurídica (ha/expl.)



Relativamente ao efetivo animal, houve um aumento no período em causa, de 300 mil cabeças normais (CN) (+14%), com os produtores singulares e as sociedades a inverterem os papéis: os primeiros a passarem de um peso do número de animais, em CN, de 58% para 43% e os segundos de 42% para 57%.



No que diz respeito ao regadio, o número de explorações que beneficiam de regadio diminuiu substancialmente, de 157 mil para 127 mil (-20%), tendo as explorações exclusivamente de sequeiro aumentado 10% (+15 mil explorações). Como se pode ver no gráfico, o peso das explorações exclusivamente de sequeiro aumentou no total das explorações. Quanto às explorações de regadio, observou-se uma diminuição do número de explorações em todas as categorias, à exceção da predominantemente regadio, que aumentou ligeiramente a sua área, reforçando a sua importância.



Relativamente à superfície regada, as tendências diferem ligeiramente das vistas anteriormente quanto ao número de explorações. A superfície regada, apesar da redução do número de explorações beneficiadas pelo regadio, no período 2009-2019, observou um significativo aumento (+20%), passando de 470 mil hectares para 566 mil hectares. Analisando o tipo de explorações que beneficiaram deste aumento, terão sido as classificadas como principalmente regadio e predominantemente regadio, tendo estas crescido 11,4% e 39,9%, respetivamente. Nestes aumentos estão a ser considerados novos regadios e expansão de áreas de regadio já existentes, pelo que pode ter ocorrido migração de explorações entre categorias.

Superfície regada por tipologia de exploração com regadio

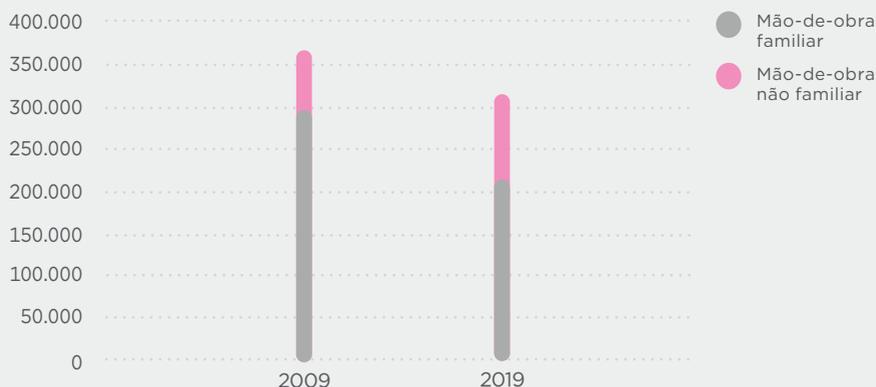
(ha)



Por fim, relativamente à mão-de-obra agrícola, realça-se uma redução significativa da mão-de-obra total, de 367 mil UTA para 315 mil UTA. Esta redução é devida à grande redução na mão-de-obra agrícola familiar (-27%), que passou de representar 80% para 68% do total da mão-de-obra. Destaque ainda para a profissionalização do setor, com um crescimento da mão-de-obra contratada em 38%.

Mão-de-obra agrícola por tipologia

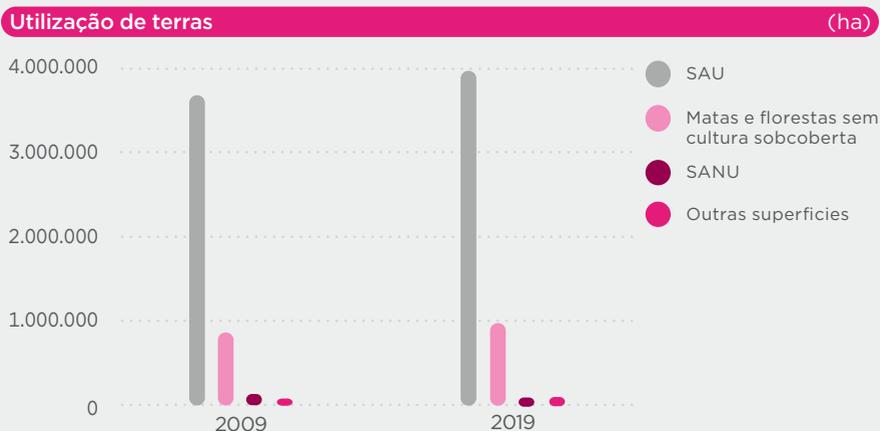
(UTA)



3. CARACTERIZAÇÃO DA SUPERFÍCIE AGRÍCOLA

Utilização de terras

A superfície agroflorestal pode ser dividida em quatro grandes tipos de utilização de terras, nomeadamente em superfície agrícola utilizada (SAU), matos e florestas sem cultura sobcoberta, superfície agrícola não utilizada (SANU) e outras superfícies. Entre 2009 e 2019, a superfície agroflorestal sofreu um aumento significativo, de aproximadamente 400 mil hectares (+9%). Neste aumento observou-se um significativo crescimento na SAU (+300 mil ha) e nos matos e florestas sem cultura sobcoberto (+125 mil ha) e uma redução da SANU (-36 mil ha).

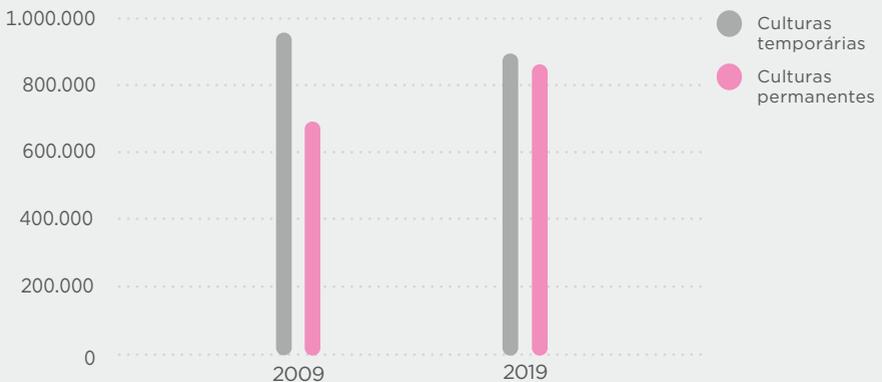




É importante realçar que o aumento da SAU deveu-se ao aumento de culturas permanentes e de pastagens permanentes, tendo-se observado uma redução de área de terra arável, como podemos ver no gráfico comparando a superfície agrícola por tipo de cultura, onde se observa uma clara convergência das linhas de tendência, com redução das culturas temporárias (que representam 86% da terra arável) e um aumento das culturas permanentes.

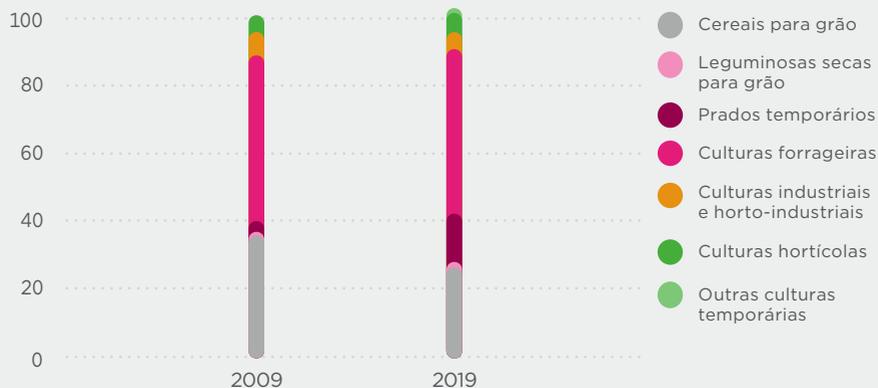
Superfície agrícola por tipo de cultura

(ha)



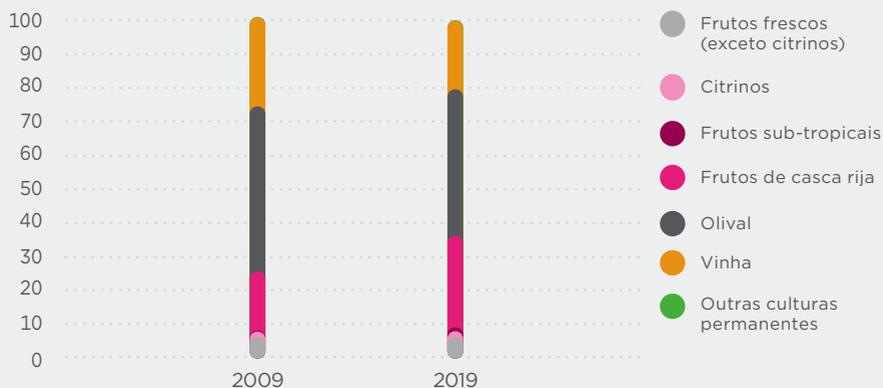
Relativamente às culturas temporárias praticadas, temos uma redução dos cereais para grão em mais de 100 mil hectares (-6,3%), entre 2009 e 2019, reduzindo o seu peso nas culturas temporárias em 10%, passando de 36% para 26%. Esta redução já se observa há bastante tempo, tendo passado de 900 mil hectares, em 1989, para 235 mil hectares, em 2019. No sentido inverso temos os prados temporários, que aumentaram o seu peso de 3% para 14%, significando um aumento de perto de 100 mil hectares. As restantes culturas mantiveram-se relativamente estáveis, com pequenos aumentos de peso das leguminosas secas para grão e das culturas hortícolas e uma ligeira redução das culturas industriais e horto-industriais, correspondendo às tendências de crescimento das respetivas áreas.

Culturas temporárias (%)

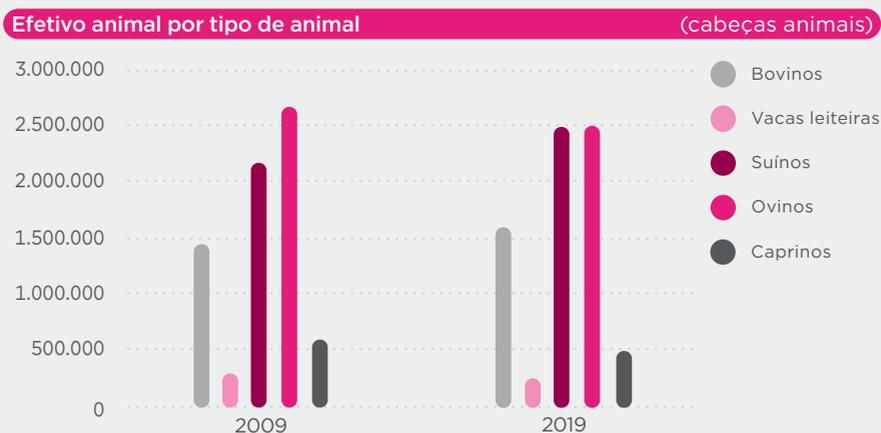


As culturas permanentes, que sofreram o já referido aumento, observaram uma alteração maior na sua composição, com o aumento dos frutos de casca rija, que passaram de 17% das culturas permanentes para 27% (+110 mil ha), com a consequente redução do peso do olival, de 49% para 44%, apesar do significativo aumento da sua área (+40 mil ha), e uma ligeira redução do peso da vinha, de 26% para 20% (-5 mil ha). Os restantes grupos de cultura, apesar dos aumentos de área que registaram, observaram variações muito ligeiras no seu peso relativo às culturas permanentes.

Culturas permanentes (%)



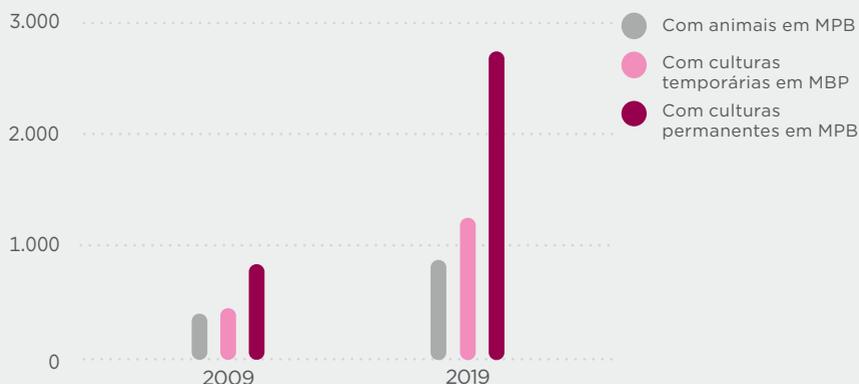
No que ao efetivo animal diz respeito, observou-se um crescimento nos bovinos de carne de 10,6% (+151 mil cabeças animais), enquanto que se observou um decréscimo de 11,8% (-33 mil cabeças animais) nos bovinos leiteiros. Os suínos observaram um crescimento ainda mais significativo do que os bovinos de carne, nomeadamente, um aumento de 13,8% (+300 mil cabeças). Os pequenos ruminantes, ou seja, os ovinos e os caprinos, sofreram uma ligeira redução do efetivo, em termos nacionais, com uma quebra de 7% (-186 mil cabeças animais) e 15,5% (-88 mil cabeças), respetivamente.



Relativamente ao Modo de Produção Biológico (MPB), trata-se de uma estratégia que nos últimos anos tem vindo a ganhar a sua importância, tendo entre 2009 e 2019 crescido bastante em termos de número de explorações com este modo de produzir. O número de explorações com animais em MPB cresceu 128%, com as culturas temporárias em MPB a crescer 186% e as culturas permanentes em MPB 226%, o que definitivamente são incrementos bastante significativos.

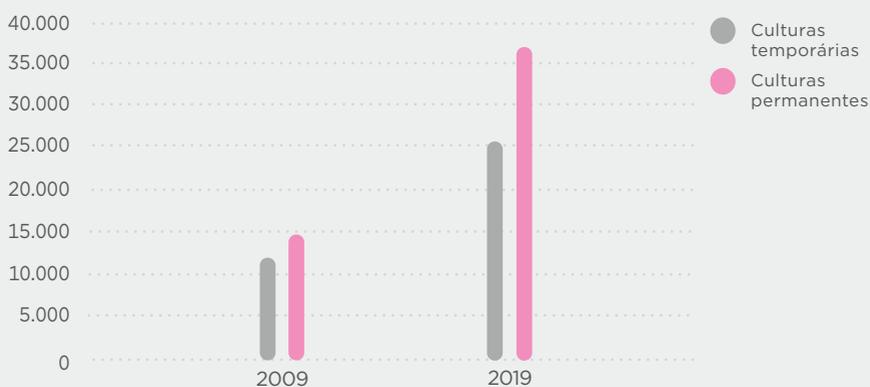


Número de explorações com Modo de Produção Biológico por atividade



Em termos de área de culturas temporárias e permanentes, em 2019 contávamos com uma área total de 62.455 hectares, mais 5.851 hectares ainda em processo de conversão. Desta área, 60% representam culturas permanentes e os restantes 40% culturas temporárias. Desde 2009, observou-se um crescimento bastante acentuado em ambas as culturas, com +117% nas culturas temporárias e +152% em culturas permanentes, tendo estas últimas reforçado o seu peso em 5% relativamente às culturas temporárias.

Superfície agrícola por tipo de cultura em Modo de Produção Biológico (ha)

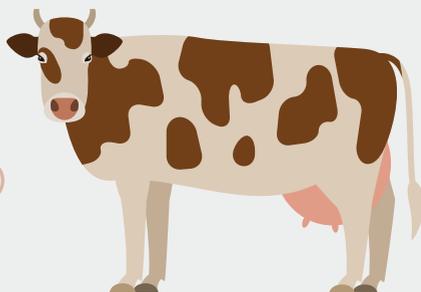
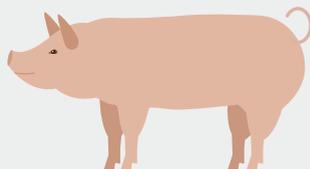
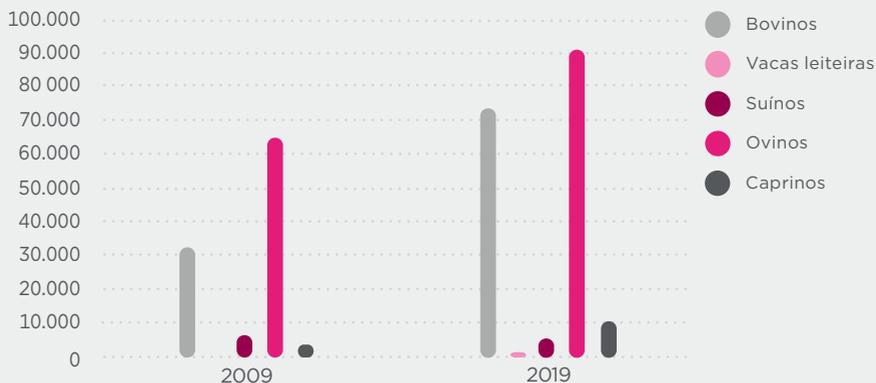


No que diz respeito às culturas em si, temos um grande peso das culturas forrageiras (48%), prados temporários (26%) e cereais para grão (12%), representando mais de $\frac{1}{3}$ da superfície de culturas temporárias em MPB, tendo os cereais perdido algum peso nesta década para os prados temporários e para as culturas hortícolas. Quanto às culturas permanentes, temos uma clara dominância do olival (54%), dos frutos de casca rijia (27%) e da vinha (10%), que representam mais de 90% da área deste grupo de culturas, tendo os frutos de casca rijia reforçado o seu peso, em detrimento do olival e da vinha, que apesar do aumento de área viram a sua importância diminuir.

Tal como aconteceu com as culturas temporárias e permanentes, o efetivo animal em MPB também aumentou bastante, com um crescimento de 127% nos bovinos, 41% nos ovinos e 191% nos caprinos, tendo os suínos sido os únicos a diminuir (-16%). As vacas leiteiras, apesar do crescimento, têm uma importância muito reduzida.

Número de animais em Modo de Produção Biológico

(cabeças animais)



Notícias

MILLENNIUM BCP NA AGROGLOBAL

A AgroGlobal 2021 decorreu entre os dias 7 e 9 de setembro, em Valada do Ribatejo, no Cartaxo.

O Millennium bcp voltou a estar presente com um *stand* dedicado, reforçando a proximidade e a aposta do Banco no apoio ao setor primário. O Banco juntou-se a várias empresas que mostraram, já presencialmente, o que de mais moderno se faz no setor agroalimentar de Portugal.





A AgroGlobal realizou-se inicialmente em 2009, com caráter bianual, e desenvolveu-se a partir de uma feira dedicada às Grandes Culturas, evoluindo até se tornar no maior evento nacional da agricultura portuguesa moderna.

De acordo com o anúncio da organização, a próxima edição será realizada no CNEMA (Centro Nacional de Exposições e Mercados Agrícolas) em Santarém, em 2022 ou 2023.



A informação contida nesta *newsletter* tem caráter meramente informativo e particular, sendo divulgada aos seus destinatários como mera ferramenta auxiliar, não devendo nem podendo desencadear ou justificar qualquer ação ou omissão, nem sustentar qualquer operação, nem ainda substituir qualquer julgamento próprio dos seus destinatários, sendo estes, por isso, inteiramente responsáveis pelos atos e omissões que pratiquem. Assim e apesar de considerar que o conjunto de informações contidas nesta *newsletter* foi obtido junto de fontes consideradas fiáveis, nada obsta que aquelas possam, a qualquer momento e sem aviso prévio, ser alteradas pelo Banco Comercial Português, S.A. ("Millennium bcp"). As perspetivas e tendências indicadas nesta *newsletter* correspondem a declarações relativas ao futuro baseadas numa multiplicidade de pressupostos e, como tal, envolvem riscos, incertezas e outros fatores que poderão determinar que os resultados efetivos, desempenho ou a concretização de objetivos ou resultados do setor sejam substancialmente diferentes daqueles que resultam expressa ou tacitamente desta *newsletter*. Por conseguinte, não pode, nem deve, pois, o Millennium bcp garantir a exatidão, veracidade, validade e atualidade do conteúdo informativo que compõe esta *newsletter*, pelo que a mesma deverá ser sempre devidamente analisada, avaliada e atestada pelos respetivos destinatários. Neste sentido, o Millennium bcp não assume a responsabilidade por quaisquer eventuais danos ou prejuízos resultantes, direta ou indiretamente, da utilização da informação referida nesta *newsletter*, independentemente da forma ou natureza que possam vir a revestir. A reprodução desta *newsletter* não é permitida sem autorização prévia.



91 850 45 04
93 050 45 04
96 150 41 26
+351 21 004 24 24

Disponível todos os dias das 8h às 22h, hora de Portugal Continental.

O custo das comunicações depende do tarifário que tiver acordado com o seu operador de telecomunicações.

www.millenniumbcp.pt

Banco Comercial Português, S.A., Sociedade Aberta, Sede na Praça D. João I, nº 28, 4000-295 Porto – Capital Social 4.725.000.000,00 euros. Número único de matrícula e de Pessoa Coletiva 501525882. Agente de Seguros registado com o nº 419527602, junto da Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões – Data da Inscrição: 21/01/2019. Autorização para mediação de seguros dos Ramos Vida e Não Vida. Informações e outros detalhes do registo podem ser verificados em www.asf.pt. O Mediador não está autorizado a celebrar contratos de seguro em nome do Segurador nem a receber prémios de seguro para serem entregues ao Segurador. O Mediador não assume a cobertura dos riscos inerentes ao contrato do seguro, que são integralmente assumidos pelo Segurador.